

# Os símbolos e representações femininas da arte cemiterial no período republicano do Rio Grande do Sul/ Brasil (1889-1930)

*Clarisse Ismério<sup>1</sup>*

Universidade da Região da Campanha (URCAMP)

Artículo de Investigación

Recibido: Julio 23 de 2016 Aprobado: Noviembre 06 de 2016

---

## **Resumo**

A educação feminina no Rio Grande do Sul foi marcada pela influência do discurso positivista republicano, que reforçou a mentalidade conservadora, cujo objetivo era tirar a mulher do campo profissional e científico. Esse discurso é bastante difundido nas manifestações culturais e na arte cemiterial, no qual a finalidade maior era consolidar junto ao imaginário popular o símbolo da perfeição feminina, inspirado em Clotilde de Vaux, personificação da Religião da Humanidade. Podemos perceber, através da análise da arte cemiterial, que tais representações visavam educar a população e, principalmente, a mulher, conscientizando-a de seus deveres e de seu lugar dentro da sociedade.

**Palavras Chave:** representações femininas, arte cemiterial, mentalidade conservadora.

---

<sup>1</sup> Historiadora, Doutora em História do Brasil, Professora e Pesquisadora da Universidade da Região da Campanha (URCAMP), Bagé/ RS/Brasil, coordenadora do Curso de História. Endereço eletrônico: claismerio@gmail.com

## **Female symbols and representations cemeterial art in the Republican period in the state of Rio Grande do Sul-Brazil (1889-1930)**

### **Abstract**

Female education in Rio Grande do Sul was marked by the influence of the republican positivist discourse that reinforced the mentality conservative, whose goal was to take the woman away from their professional and scientific field. This discourse is widespread in cultural events and cemeterial art, in which the greatest purpose was to consolidate near the popular imagination the symbol of feminine perfection, inspired by Clotilde de Vaux, the personification of the Religion of Humanity. We can see through the analysis of cemeterial art that such representations were intended to educate the public, and especially women, raising awareness of her duties and their place in society by manipulating the popular imagination with symbols and signs.

**Key Words:** representations, womanly, cemeterial art, conservative mentality.

---

## **Los símbolos y representaciones femeninas del arte cementerial en el período republicano en el estado de Rio Grande del Sur –Brasil (1889-1930)**

### **Resumen**

La educación femenina en el Estado de Río Grande del Sur estuvo marcada por la influencia del discurso positivista republicano que reforzó la mentalidad conservadora, cuyo objetivo era alejar a la mujer del campo profesional y científico. Ese discurso es bastante difundido en las manifestaciones culturales y en el arte cementerial, en el que el mayor propósito era consolidar en el imaginario popular el símbolo de la perfección femenina, inspirado por Clotilde de Vaux, personificación de la Religión de la Humanidad. Podemos percibir a través del análisis del arte cementerial que tales representaciones tenían la intención de educar al público, y especialmente a las mujeres, dando cuenta de sus obligaciones y de su lugar dentro de la sociedad, manipulando la imaginación popular con símbolos y signos.

**Palabras Clave:** representaciones, mujer, arte cementerial, mentalidad conservadora.

---

## Introdução

A história do Rio Grande do Sul foi marcada por períodos de grande protagonismo ou por retrocesso do protagonismo feminino. Durante o período da Revolução Farroupilha (1835-1845), devido a destruição e desequilíbrio social, as mulheres tiveram que romper com as regras impostas e substituir seus maridos na liderança dos negócios e administração das estâncias. Essa liderança, embora desafiadora, forneceu bases para as mulheres iniciarem o caminho de sua independência e autorealização, além de propiciar o desenvolvimento de uma produção cultural e intelectual feminina.<sup>2</sup>

Porém esses casos são tidos como exceções, pois, na maioria das vezes, o potencial intelectual feminino foi tolhido pela mentalidade machista e conservadora, como ocorreu no período da República Velha no Rio Grande do Sul (1889-1930).

A educação feminina, durante a República Velha, sofreu um grande retrocesso, tanto na questão intelectual e cultural como profissional, pois o Positivismo, e sua moral conservadora, legitimou a mentalidade que limitava a mulher no espaço privado e a educava para exercer as funções de esposa, mãe e educadora dos filhos. Deveria ser a rainha do lar, a guardiã da moral e o anjo tutelar de sua família.

Para um melhor entendimento, o presente artigo foi dividido em três partes: primeiramente foi contextualizada a doutrina positivista e suas variantes presentes no Rio Grande do Sul; na segunda um breve relato sobre a utilização da imagem feminina na estatutária; e um terceiro momento foi analisada as representações femininas presentes nos cemitérios de Porto Alegre/RS e Bagé/RS.

## O Positivismo no Rio Grande do Sul

A doutrina Positivista de Auguste Comte teve uma influência marcante na história do Rio Grande do Sul. Tudo começou em 1882, quando Júlio de Castilhos fundou o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), adotando a filosofia comteana expressa na obra *Política Positiva*, para dar um sustentáculo doutrinário que garantisse a disciplina e coesão do partido.

Conforme destacou Boeira<sup>3</sup>, não ocorreu uma simples transposição da doutrina comteana para sociedade rio-grandense. Na realidade, coexistiam três tipos de ideologias positivistas nos anos de 1870 a 1930, que são: o político, o difuso e o religioso. O político foi uma releitura das ideias de Auguste Comte por Júlio de Castilhos, com objetivo de resolver as necessidades imediatas e os projetos de longo prazo, tomando-o mais direto e flexível de ser entendido pelo público politicamente relevante. Ficou conhecido como Positivismo Castilhista ou Positivismo Heterodoxo.

O difuso unia a releitura castilhista com os pressupostos comteanos e aliando ao cientificismo evolucionista e chegava ao alcance de todos por meio de jornais, revistas, palestras, conferências

2 FLORES, Hilda A. Hübner. *Sociedade: Preconceitos e Conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

3 BOEIRA, Nelson. *O Rio Grande de Augusto Comte*. In: *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

e dos símbolos e representações presentes da arte fachadista e cemiterial. Já o religioso seguia a doutrina da Religião da Humanidade, também era chamado de Positivismo Ortodoxo e servia de reserva moral para o castilhismo.<sup>4</sup> A moral, a rigidez, o autoritarismo e a disciplina eram os pontos que uniam os três tipos de Positivismo, fundindo-os em um único objetivo: organizar a sociedade através de uma moral conservadora.

O caráter conservador positivista é plenamente observado no discurso referente à mulher, uma vez que era considerada responsável pela manutenção da moral e pela realização do culto privado. A mulher deveria ser a rainha do lar, a guardiã da moral e o anjo tutelar de sua família e, para atingir esses modelos, seguiria normas pré-estabelecidas pelo Catecismo Positivista no qual Comte recodificou todo o pensamento conservador em torno da mulher.<sup>5</sup>

Os seguidores do positivismo, tais como R. Teixeira Mendes, J. Mariano de Oliveira, A.R. Gomes de Castro e Joaquim Bagueira Leal, também foram responsáveis pela difusão do discurso conservador que delimitava a mulher no espaço privado, uma vez que em suas palestras e obras publicadas pela Igreja Positivista do Rio de Janeiro reforçavam essa visão.

Ao analisar as representações femininas presentes na arte cemiterial do Rio Grande do Sul, observa-se que contribuíram para a divulgação dos preceitos e da moral positivista, cujo objetivo era consolidar junto ao imaginário popular o símbolo perfeição feminina, inspirado em Clotilde de Vaux, personificação da Religião da Humanidade (figura 1). A mentalidade conservadora propiciou a reconstrução de uma simbologia impregnada de valores moralistas sobre como deveria ser a conduta feminina.



**Figura 1.** Clotilde de Vaux, a Religião da Humanidade, obra de Décio Villares<sup>6</sup>

4 BOEIRA, 1980, págs. 38-59.

5 ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: A Moral e o Imaginário 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, pág.18.

6 CARVALHO, José Murilo. *A Formação Das Almas*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, pág. 132.

A musa de Comte, Clotilde de Vaux, seria o perfil da mulher ideal, pois era considerada íntegra, pura, perfeita. Tornou-se um símbolo de adoração com atributos herdados do arquétipo da Grande Mãe. E sua antítese era representada por Caroline Massin, prostituta com a qual Comte veio a contrair matrimônio e teve uma relação bastante conflituosa. A primeira foi moldada a partir do arquétipo de Maria, a Virgem, e a segunda no de Eva, a Pecadora.<sup>7</sup>

A vida conflitante de Comte serviu-lhe de base para construir uma filosofia que idealizava um modelo de mulher. Como sofreu várias decepções amorosas, construiu um discurso que, de certa forma, mascarava a realidade vivida e projetava a imagem de mulher que tanto almejava. Em sua idealização buscou arquétipos herdados através de uma cultura que preconizava a mulher dedicada ao marido, aos filhos e à casa. Foi fortemente influenciado pelo pensamento clássico, pelos ditames da Revolução Francesa e por Jean-Jacques Rousseau e pela moral católica medieval.

## As representações femininas presentes na estatuária

A estatuária, tanto a fachadista como cemiterial, tinha fins educacionais e morais, uma vez que exaltava o culto ao herói e dos símbolos da República. Existem representações de figuras femininas que acompanhavam os grandes vultos políticos ou muitas vezes a sós, em formas alegóricas, evidenciavam o dever da mulher de guardiã da moral. Na estatuária, foram ressaltadas somente as virtudes femininas, pois a arte deveria representar uma imagem ideal a ser seguida, cultivando com isso o aperfeiçoamento humano.

A utilização da figura feminina como símbolo político era uma herança da Revolução Francesa, a qual elegeu a Mariane o signo máximo da nova ordem. Tornavam públicos símbolos e signos da vida privada, ou seja, da mãe que passa a ser representada pela alegoria da República. E segundo Lynn Hunt:

Os símbolos da vida familiar e doméstica podiam exercer um efeito político (e, portanto, público) durante esse período de confusão entre a vida pública e privada. O emblema da República, a deusa romana da Liberdade, muitas vezes ostentava um ar abstraiu nos sinetes oficiais, nas estátuas e nas vinhetas. Mas, num grande número de representações ela assumia o aspecto familiar de uma jovem donzela ou jovem mãe. (...) A mulher e a mãe, tão desprovidas de qual quer direito político, foram capazes, apesar disso (ou justamente por isso?), de se converter nos emblemas da nova República.<sup>8</sup>

7 ISMÉRIO, Clarisse. *As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930)*. In. Revista Eletrônica História em Reflexão – Vol. 1 - n. 1 – UFGD: Dourados, Jan/Jun 2007, pág. .3 Disponível em: <http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=historiaemreflexao&page=article&op=view&path%5B%5D=484&path%5B%5D=353> Acesso em 21 julho de 2016.

8 HUNT, Lynn. *Revolução Francesa e Vida Privada*. In. DUBY, George & ARIES, P. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, vol. 4, 1992, pág. 31.

Ao ser instaurada a República foram negados todos os valores da monarquia e, em contrapartida, buscou-se símbolos e signos que viessem ao encontro da moral difundida pelos intelectuais revolucionários. A mulher deixou de ser um ente público e libertino, inspirado na figura pública de Maria Antonieta, para tornar-se filha, esposa e mãe dedicada ao marido e aos filhos, tendo sua participação social limitada ao espaço privado. Sua representação nos emblemas políticos ressalta o seu papel de guardiã da nova ordem, detentora de uma moral elevada e de atributos que a dignificavam. Era um modelo exemplar que deveria ser imitado.

A adoção de símbolos e signos maternos para representar cidades ou regimes de governo pode também ser explicada a partir da visão de Jung. Segundo ele, a cidade é um símbolo materno, pois abriga os habitantes, como uma mulher abriga seus filhos. Cita como exemplo as deusas-mães gregas Réia e Cibele, que ostentavam coroas em forma de muro, e o Antigo Testamento, quando trata as cidades de Jerusalém, Babel e outras, como se fossem mulheres. As cidades fortificadas, que nunca foram subjugadas eram consideradas como virgens colônias, por outro lado existiam as cidades prostitutas, que eram assim chamadas porque viviam em profunda desordem moral.<sup>9</sup> A mesma argumentação pode ser usada para o sistema de governo positivista, pois a República tomou-se a Grande Mãe e a Monarquia uma prostituta leviana.

Também a República, a partir de 1909, segundo Carvalho, passou a ser representada pelas revistas e periódicos cariocas, como uma prostituta e uma ama de leite, alimentando políticos e funcionários que viviam a suas custas, mostrando que o novo sistema estava exposto à corrupção.<sup>10</sup>

Diante do que foi exposto destaca-se, na presente pesquisa, as representações utilizadas pelos positivistas para divulgar o modelo feminino de guardiã da moral, uma vez que no período da República Velha ocorreu um grande surto escultórico. Cabe ainda salientar que as representações analisadas são signos resultante de um discurso moralista e conservador.

## As musas e guardiãs presentes da arte cemiterial

Inspiradas nas deusas da mitologia clássica, as esculturas dos cemitérios destacam a representação feminina guardiã do Estado, município, das ideias e das manifestações sociais.

A representação da República encontra-se no túmulo de Pinheiro Machado, no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, obra do escultor Pinto Couto, datado de 1915. José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915) fundou juntamente com Júlio de Castilhos, em 1884, o jornal "A Federação", que representava os interesses do Partido Republicano Rio-Grandense junto ao governo federal. A posição de Pinheiro Machado foi sempre autoritária e tornou-se uma grande força política durante o governo de Hermes da Fonseca. Foi assassinado em 8 de setembro de 1915, no Rio de

9 JUNG, C. G. *Símbolos da Transformação*. 2.a ed., Petrópolis, Vozes, 1989, pág. 194.

10 CARVALHO, José Murilo. *A Formação Das Almas*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, pág. 132, pág.88.

Janeiro, por Manso de Paiva. Ao ser enterrado no cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Borges de Medeiros promoveu um funeral apoteótico com todas as honras positivistas.<sup>11</sup>

A República (figura 2) é reproduzida como uma mulher madura que chora pela morte do estadista, signo da mãe que lamenta a perda de um filho querido, lembrando a Pietá de Miguelangelo. Pinheiro Machado é representado como um herói romano, peito nu e coberto pela bandeira do Brasil. Na parte posterior do monumento encontra-se a seguinte frase: “Desoladas tua esposa e a República, lamentam e lamentarão sempre a tua grande falta”.



**Figura 2.** Mãe República. Detalhe do Túmulo de Pinheiro Machado, Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre.

Aos pés do túmulo aparece a musa da História, Clío (figura 3), que registra a vida do herói em seu livro para ensinar às gerações futuras, representadas pelas crianças. Novamente, a imagem da mulher educadora e guardiã é destacada neste túmulo, evidenciando o modelo de anjo tutelar, tanto no signo da Mãe Pátria como no da História, a grande mestra da vida.

11 BELLOMO, Harry. In FLORES, Hilda (org.). *Vidas e Costumes*. Porto Alegre: Nova Dimensão, CIPEL, 1994, págs. 35-76.



**Figura 3.** Musa Clio, detalhe do túmulo de Pinheiro Machado, Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre.

Nessa representação está subtendido o papel da mulher como educadora. Segundo os preceitos positivistas, as mulheres deveriam educar seus filhos nos princípios da moral e do civismo, tendo como base a História, a “grande mestra da vida”, pois os vultos do passado, heróis e grandes homens, que serviam como exemplos de vida e de conduta às novas gerações. Sendo considerada uma educadora por natureza, a mulher poderia exercer a profissão de professora, orientando os alunos como se fossem seus próprios filhos. A professora trabalhava em escolas, casas particulares ou em suas próprias casas, ou seja, sempre em ambientes fechados que a protegesse.

Muitas mulheres desistiram de serem rainhas do lar e de constituírem família para se dedicarem unicamente ao magistério. A que optasse por ficar solteira era, muitas vezes, mal vista pela sociedade, pois estaria deixando de cumprir sua função de progenitora e, com isso, perderia sua pureza espiritual, ficando desprotegida e exposta aos males da vida. Isso acontecia porque o lugar da mulher era dentro do lar cuidando de seus entes ou afazeres. Se ficasse solteira estaria fora dos padrões preestabelecidos. Mas se decidisse dedicar-se unicamente ao magistério, ensinando as crianças como se fossem seus próprios filhos, resgatava o estado de pureza no papel de mãe-educadora. Com esta escolha, não sofria discriminação.

Bellomo classifica o Túmulo de Pinheiro Machado como tipologia cívico-celebrativa, pois servia de sepultura e celebra a memória de vultos de destaque no mundo político, social e cultural.<sup>12</sup> Pertencendo também a essa classificação o túmulo-monumento de Júlio de Castilhos.

O túmulo de Júlio de Castilhos (figura 4), também do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, traz uma pirâmide com uma águia no topo; abaixo, a data da constituição castilhista e um medalhão com o rosto do político. Na base da pirâmide, a mãe pátria é representada por uma jovem que segura na mão esquerda a bandeira nacional e, na direita, uma coroa de louros e o brasão de armas do Estado. Ressaltando, novamente, a mulher enquanto guardiã da moral e dos signos da pátria. Aparecem ainda os seguintes lemas: “A Júlio de Castilhos, o Rio Grande do Sul”, “Ordem e Progresso” e “Os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos”. Os dois últimos lemas foram extremamente enaltecidos pelos positivistas.



**Figura 4.** Mãe Pátria, túmulo de Júlio de Castilhos. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre.

12 BELLOMO, Harry. *A Produção Da Estatuária Funerária em Porto Alegre*. In Rio Grande do Sul. Aspectos da Cultura. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994, pág. 85.

A arte cemiterial revela forte influência do culto ao herói, que era amplamente difundido na doutrina positivista, como destaca Silva:

(...) a doutrina positivista exerceu grande influência no culto os heróis, o que justifica o período do surto da arte cemiterial, como este momento em que os cemitérios passam a ser os melhores locais de homenagens aos homens que se destacaram na política, cultura e dentro de suas próprias famílias. O positivismo no Rio Grande do Sul, ao utilizar a arte funerária como veículo de perpetuação de sua ideologia, teve como objetivo principal consolidar seus atos para as futuras gerações.<sup>13</sup>

Um exemplo no qual se pode observar essa característica é no mausoléu de Antônio de Souza Netto<sup>14</sup> (fig. 2), que segundo Bonés, foi construído na Itália, todo em mármore de Carrara, sendo transportado em blocos para Bagé.<sup>15</sup>



**Figura 5.** Mausoléu do General Souza Netto Cemitério da Santa Casa de Bagé. Fotografias de Diones Alves.

- 13 SILVA, Sérgio Roberto Rocha da. *A Representação do Herói na Arte Funerária do Rio Grande do Sul (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2001, pág. 14.
- 14 Conforme relata Elaine Bastianello, em julho de 1866, o General Netto foi faleceu no hospital de Corrientes, na Argentina e após seu falecimento seus restos mortais foram deslocados por três vezes. Foi trazido de Corrientes para Bagé, foi inumado no jazigo-capela de sua família no Cemitério da Santa Casa de Caridade, construído poucos anos antes, por suas irmãs, Floriana Marques Netto e Bernardina de Mattos Netto. Porém, mais tarde suas filhas, Teotonia Netto e Maria Antonia Netto Mendilaharsu, que residiam no Uruguai, transferiram seus restos mortais para Montevidéu, onde permaneceram até o centenário de sua morte. Em 1966, centenário da morte do General Netto, seus restos mortais voltaram para Bagé e depositados num mausoléu construído para guardá-los. O processo de transladação foi uma iniciativa do historiador Tarcísio Antônio da Costa Tabora e apoiado pela Câmara Municipal de Bagé e pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio grande do Sul. BASTIANELLO, Eliane M. Tonini. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)*. Dissertação de Mestrado do Programa em Memória e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2010, págs. 57-62.
- 15 BONÉS, Elmar. O General que não aceitou a paz. In. *Correio do Povo*. 20 de setembro de 1995, XVIII.

Apesar de seu perfil militar, tendo participado da Revolução Farroupilha 16 e da Guerra do Paraguai 17, não foi representado como um general em seu leito de morte. Pelo contrário, foi eternizado iconograficamente como um herói ilustrado que, ao invés da farda, veste terno e gravata, símbolos de sobriedade e elegância na época.

Sua imagem está representada na parte central do túmulo, em um brasão celebrativo, rodeado de flores. As flores são identificadas, genericamente, como símbolos da saudade, mas nesse brasão podemos identificar dois tipos específicos com seus significados próprios que são a camélia (perfeição) e o jasmim (elegância). A coroa de flores representa ainda “(...) a vitória da alma humana sobre o pecado da morte”.<sup>18</sup>

A celebração e perpetuação da memória do herói também podem ser visualizadas nas representações femininas que o acompanham, que são as alegorias do saber e do heroísmo. A alegoria do saber, destacada na figura 6, pode ser interpretada como Clio, a musa da história, pois apresenta dois livros fechados. O livro que está ao seu colo representando a história da Revolução Farroupilha, onde foram moldados princípios como cidadania, liberdade, separatismo e liderança política no Rio Grande do Sul. O outro livro, que está debaixo do pé da musa, refere-se à Guerra do Paraguai. Nessa representação Clio ocupa seu lugar de guardiã da história e da tradição, sendo ela a responsável de perpetuar a história do herói ilustrado, que tem a cidade de Bagé como local de sua última morada.



**Figura 6.** Musa Clio, detalhe do Mausoléu do General Sousa Netto Cemitério da Santa Casa de Bagé. Fotografia de Diones Alves.

- 16 A Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos ocorreu de 1835 a 1845, na qual as elites políticas da província de São Pedro do Rio Grande do Sul se insurgiram contra o governo Imperial do Brasil. O resultado foi a declaração de independência da província como estado republicano, dando origem à República Rio-Grandense.
- 17 A Guerra do Paraguai ocorreu de 1864 a 1870, sendo travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai.
- 18 BORGES, Maria Elizia. 2002. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002, pág. 203.

A terceira representação feminina, localizada à direita, é a alegoria do heroísmo, destacada por uma jovem com o semblante triste e, no seu colo, encontra-se uma coroa de louros (fig.7). A coroa de louros, símbolo da vitória e da glória, na antiguidade clássica era uma homenagem atribuída aos heróis e atletas.



**Figura 7.** Alegoria do heroísmo, detalhe do Mausoléu do General Sousa Netto Cemitério da Santa Casa de Bagé. Fotografia de Diones Alves.

Ao analisar as representações femininas por meio da arte no Rio Grande do Sul, observa-se que essas contribuíram para a divulgação dos preceitos e da moral positivista, cujo objetivo era consolidar junto ao imaginário popular o símbolo de perfeição feminina, inspirada em Clotilde de Vaux, representação da Religião da Humanidade. A mentalidade conservadora propiciou a reconstrução de uma simbologia impregnada de valores moralistas sobre como deveria ser a conduta feminina.

Existem representações de figuras femininas que acompanhavam os grandes vultos políticos ou, muitas vezes, a sós em estátuas e monumentos, em formas alegóricas, que evidenciavam o dever da mulher de guardiã da moral. Na estatuária, foram ressaltadas somente as virtudes femininas, pois a arte deveria representar uma imagem ideal a ser seguida, cultivando com isso o aperfeiçoamento humano. A utilização da figura feminina como símbolo político era uma herança da Revolução Francesa, que elegeu Mariane o signo máximo da nova ordem. Tomavam públicos símbolos e signos da vida privada, ou seja, da mãe que passa a ser representada pela alegoria da República.<sup>19</sup>

19 HUNT. In. DUBY & ARIÈS, 1992.

A representação da figura feminina nos emblemas políticos ressalta o seu papel de guardiã da nova ordem, detentora de uma moral elevada e de atributos que a dignificavam. Era um modelo exemplar da grande mãe-guardiã que deveria ser imitado.

Outra figura de destaque é a anja guardiã, que se encontra em cima do mausoléu do General Netto. Os anjos eram figuras comuns nas sepulturas de crianças, simbolizando que elas eram “anjos no céu”. No século XIX, passou a ter duas representações sucessivamente, inicialmente como um jovem que representa o anjo da morte e, logo após a forma mais frequente, tomou-se uma figura feminina de formas opulentas.<sup>20</sup>

Observa-se que, no decorrer do tempo, os anjos sofreram alterações em sua imagem e atributos, sendo que tais elementos acrescidos são fruto do imaginário do popular de cada período. Com o passar do tempo, e devido à influência positivista, foi construído o modelo de anjo feminino, por ser a mulher a consoladora, orientadora e guardiã da sua família (figura 8).



**Figura 8.** Anjos, Cemitério da Santa Casa e São Miguel e Almas, Porto Alegre.

20 VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*, 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1991, págs. 330-331.

Nos cemitérios de todo o mundo é comum encontrar figuras femininas que são representadas como símbolos ou ações humanas. O modelo do anjo tutelar aparece nos túmulos trazendo como atributos a caridade, a consolação e outros que são classificados dentro da tipologia cristã, agindo como intercessores e protetores dos devotos.

O mesmo modelo é lembrado através das alegorias da consolação, da maternidade ou caridade e da proteção (figura 9), deveres que deveriam ser cumpridos por todas as mulheres para serem *rainhas do lar* e *anjos tutelares*.

A *rainha do lar* tinha como funções principais procriar e criar seus filhos, cuidar do marido respeitando sempre suas exigências e administrar a casa. O *anjo tutelar* deveria cuidar da educação das crianças, servir de musa para inspirar o marido e os filhos a serem homens honrados e a praticar o culto privado, mantendo presente as ideias positivistas. Ambos os modelos deveriam zelar pela moral da família, conservando sempre o estado puro, além de doarem-se por completo, anulando suas próprias vidas, sendo gratificadas ao verem seus filhos crescidos e cidadãos dignos. Pois a mulher, enquanto guardiã do lar deveria orientar, proteger e consolar sua família tanto nos momentos felizes como nos infelizes.



**Figura 9.** Alegorias da Maternidade ou Caridade e da Consolação. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia e São Miguel e Almas, Porto Alegre.

Outro tema bastante recorrente era o das representações femininas das carpideiras e da saudade, que lembram viúvas eternas que guardam o túmulo do marido e choram sua perda. As carpideiras representam a dor e a perda (figura 9), eram mulheres pagas para chorar nos velórios e enterros, que com o choro comoviam todos. Essa foi uma das mais antigas profissões femininas, pois foram

encontradas referências nas pinturas egípcias (presentes nos hipogeus, túmulos escavados nas encostas de montanhas) e em relatos bíblicos. Atualmente, devido à crise econômica mundial, a atividade feminina foi retomada na Espanha.



**Figuras 9, 10 e 11.** Jazigo da Família Riet, Alegoria da Saudade (Fotografias de Douglas Lemos de Quadros); Saudade e esperança (Fotografias de Diones Alves), Cemitério da Santa Casa de Bagé.

A alegoria da saudade é uma mulher triste que segura uma coroa de flores, pode estar sentada ou debruçada sob o túmulo. Quando aparece abraçada à cruz agregam, também, a ideia da fé (figura 10). Pode ainda representar a saudade e a esperança, quando se apresenta com uma estrela na testa (esperança) e olhando para o céu (figura 11).

O laço matrimonial era um vínculo tão forte que deveria ser mantido até depois da morte do marido, pois existia a *lei da viuvez eterna* que regulava a vida das viúvas através de normas de conduta estabelecidas pelo positivismo: ficar fiel ao marido, cultuando-o e chorando eternamente a separação (figura 12).

Mantendo-se assim, preservaria a sua pureza e a moral do falecido e, como resultado de seu recato, manteria a família estruturada. Caso não seguisse essas normas, a moral seria manchada, causando a ruína de seu lar. A viuvez era um meio de restaurar o caráter divino de anjo, perdido com a vida sexual durante o casamento. O homem viúvo, ao contrário, poderia casar-se novamente, porque precisava de outra *rainha do lar* para cuidar da casa, dos filhos e dele mesmo.

Nos cemitérios as representações da viúva eterna misturam-se com a iconografia da carpideira e da saudade. Tais alegorias perpetuam através do pranto e das juras das mulheres, que se comprometeram em honrar e resguardar a moral do falecido marido, mantendo o seu estado de pureza (figuras 13).



**Figura 12.** Viúva eterna.



**Figuras 13.** Carpideiras e Saudade. Cemitério da Santa Casa de Bagé e Cemitério São Miguel e Almas, Porto Alegre.

## Considerações finais

A arte cemiterial, produzida após a instauração do governo castilhisto positivista republicano, refletia a austeridade e o conservadorismo da ditadura científica. E sua função era orientar a sociedade dentro dos valores morais positivistas, por meio de símbolos e signos.

No ideário positivista, a mulher foi transformada na grande guardiã, a musa inspiradora, o anjo tutelar, tanto da família como do Estado. Também deveriam guardar a honra da família e inspirar os homens a serem cidadãos participativos. Tais atributos eram inspirados em Clotilde de Vaux, símbolo máximo da Religião da Humanidade.

O maior objetivo das representações presentes na arte cemiterial era educar a população e, principalmente, a mulher, conscientizando de seus deveres e de seu lugar dentro da sociedade, manipulando o imaginário popular por intermédio de símbolos e signos.

A doutrina positivista formulou um discurso simbólico que propunha a organização da sociedade sob a perspectiva de uma moral conservadora e, portanto, atuou como agente, impondo os conceitos de um grupo político detentor do poder. Mas, por outro lado, atuou como reflexo da sociedade na medida que fortalecia a mentalidade que relegava a mulher à uma figura secundária.

Pois o positivismo, ao mesmo tempo em que elegeu a mulher sua grande guardiã, reforçou a mentalidade baseada na moral conservadora e tinha como objetivo tirar a mulher do campo profissional e científico, enclausurando-a em sua própria casa, alegando que era irracional e não tinha controle de seus impulsos. Somente presa ao lar e tutelada pelo homem poderia exercer uma influência positiva.

## Bibliografia

- BASTIANELLO, Eliane M. Tonini. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)*. Dissertação de Mestrado do Programa em Memória e Patrimônio Cultural d Universidade Federal de Pelotas, 2010, págs. 57-62.
- BELLOMO, Harry. *A Produção Da Estatuária Funerária em Porto Alegre*. In *Rio Grande do Sul. Aspectos da Cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- BELLOMO, Harry. In FLORES, Hilda (org.). *Vidas e Costumes*. Porto Alegre: Nova Dimensão, CIPEL, 1994.
- BOEIRA, Nelson. *O Rio Grande de Augusto Comte*. In: RS: Cultura & Ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BONES, Elmar. O General que não aceitou a paz. In: *Correio do Povo*. 20 de setembro de 1995, XVIII.
- BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- CHARTIER, Roger. Introdução. In: *A história cultural*. Lisboa, Difel, 1990.

- FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1993, p. 148.
- FLORES, Hilda A. Hübner. *Sociedade: Preconceitos e Conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.
- HUNT, Lynn. *Revolução Francesa e Vida Privada*. In: DUBY, George & ARIES, P. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, vol. 4, 1992.
- ISMÉRIO, Clarisse. *As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930)*. In: Revista Eletrônica História em Reflexão – Vol. 1 - n. 1 – U FGD: Dourados, Jan/Jun 2007. Disponível em: <http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=historiaemreflexao&page=article&op=view&path%5B%5D=484&path%5B%5D=353> Acesso em 21 julho de 2016.
- ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: A Moral e o Imaginário 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- JUNG, C. G. *Símbolos da Transformação*. 2.<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Vozes, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.
- SILVA, Sérgio Roberto Rocha da. *A Representação do Herói na Arte Funerária do Rio Grande do Sul (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2001.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. 2a ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.